Documentos

Número, 106

ISSN 0101-2835

Ministério da Agricultura e do Abastecimento

Dezembro, 1998

DIAGNÓSTICO DOS PROJETOS DE MANEJO FLORESTAL NO ESTADO DO PARÁ - FASE PARAGOMINAS

TU
1a
8
2005.00527

Anais...
1998 PC - 2005.00527
31698 - 1

DFID DEPARTMENT FOR INTERNATIONAL DEVELOPMENT

ISSN 0101-2835

SEMINÁRIO SOBRE DIAGNÓSTICO DOS PROJETOS DE MANEJO FLORESTAL NO ESTADO DO PARÁ – FASE PARAGOMINAS

Paragominas, PA, 22 de março de 1996

ANAIS

Embrapa

Embrapa - CPATU, Documentos, 106

Exemplares desta publicação podem ser solicitados à:

Embrapa - CPATU

Trav. Dr. Enéas Pinheiro, s/n

Telefones: (091) 246-6653, 246-6333

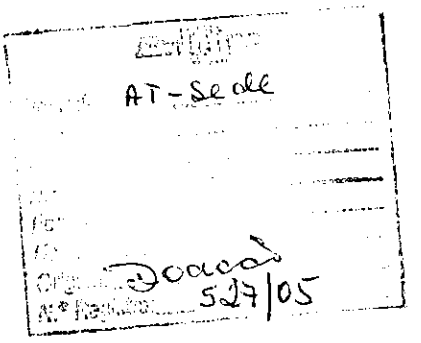
Telex: (91) 1210

Fax: (091) 226-9845

e-mail: cpatu@cpatu.embrapa.br

Caixa Postal, 48

66095-100 – Belém, PA



Tiragem: 300 exemplares

Organizador: José Natalino Macedo da Silva – Embrapa - CPATU

Revisor Técnico: Fernando Antonio Souza Bemergui – FCAP

Foto Capa : Milton Kanashiro

Expediente

Coordenação Editorial: Antonio Ronaldo Camacho Baena

Normalização: Célia Maria Lopes Pereira

Revisão Gramatical: Maria de Nazaré Magalhães dos Santos

Composição: Euclides Pereira dos Santos Filho

Nota: Os trabalhos publicados nestes Anais não foram revisados pelo Comitê de Publicações da Embrapa - CPATU. Todos os conceitos e opiniões emitidos são de inteira responsabilidade dos autores.

SEMINÁRIO SOBRE DIAGNÓSTICO DOS PROJETOS DE MANEJO FLORESTAL NO ESTADO DO PARÁ – FASE PARAGOMINAS, 1996, Paragominas, PA. ***Anais****. Belém: Embrapa - CPATU, 1997. 133p. (Embrapa – CPATU. Documentos, 106).*

1. Manejo florestal – Projeto – Brasil – Pará – Paragominas. 2. Economia florestal – Brasil – Pará. I. Embrapa. Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Oriental (Belém, PA). II. Título. III. Série.

CDD: 634.928098115

© Embrapa – 1998

ASPECTOS ECONÔMICOS RELACIONADOS AOS PROJETOS DE MANEJO FLORESTAL NA MICRORREGIÃO DE PARAGOMINAS

Célio Armando Palheta Ferreira[7]

INTRODUÇÃO

Do ponto de vista econômico, o uso múltiplo de recursos naturais tem sido apresentado como uma solução para a região amazônica. A tendência é a convivência de várias frentes de exploração de seus recursos e prevalecer a lei da vantagem comparativa, onde deverão ser priorizadas, devido às forças de mercado e às vocações regionais, tais como mineral, florestal, aquática e turística.

A produção florestal apresenta economia de escala. Sua viabilidade está condicionada a grandes investimentos e a questões de mercado. No caso de pequenas propriedades, exige a formação de cooperativas ou então de sistemas de fomento florestal.

Apesar de ser um dos recursos naturais de grande importância, os recursos florestais da Amazônia são relativamente pouco conhecidos e estudados, e seu aproveitamento é irrisório em relação ao potencial existente.

Os impactos na socioeconomia devido à implantação de atividades florestais podem ser muito variáveis, em função de suas características. Estudos relacionados à geração de empregos, massa salarial, fixação de mão-de-obra e criação de infra-estrutura básica são importantes e podem revelar impactos positivos.

Devido à dimensão dessas atividades, poderá haver alterações significativas na estrutura fundiária, com tendência a concentração de grandes extensões de terra, o que pode significar impactos negativos e um acirramento nas tensões sociais em algumas regiões.

O setor florestal sempre teve uma participação importante no Brasil, muito embora o extrativismo tenha predominado como técnica de exploração florestal. Esta forma predatória de exploração acabou por levar à exaustão os recursos florestais de diversas partes do País, principalmente nas regiões Sul e Sudeste.

A partir de dados disponíveis, verifica-se que a produção de madeira serrada na região amazônica está concentrada principalmente em empresas de pequeno porte, o que confere a muitas delas um caráter quase artesanal, com baixo índice de utilização de tecnologia, o mesmo acontecendo com as indústrias de laminados e compensados.

Dada a importância do setor florestal para a economia do Estado do Pará, a contribuição da indústria de madeiras duras tropicais para o desenvolvimento econômico e social do país e para exportação é ainda pouco significativa. É caracterizada por baixos índices de aproveitamento industrial e baseada quase que exclusivamente na exploração empírica e predatória das florestas.

A região de influência de Paragominas é o maior pólo madeireiro do Estado do Pará, possuindo 1.354 estabelecimentos que atuam nas mais diversas atividades do setor florestal madeireiro, correspondente a 23,93% do total do Estado. Segundo dados do IBAMA, essa região destaca-se pelo elevado número de serrarias (641), extratores de toras e fábricas de artefatos e beneficiamento de madeira. Esses fatos e a facilidade de acesso, foram as variáveis que mais pesaram no critério de escolha dessa microrregião, para ser a primeira a ser visitada pelas equipes de diagnóstico dos projetos de manejo florestal no Estado do Pará.

---

[7]*Economista da Embrapa Amazônia Oriental.*

Neste relatório, faz-se uma análise socioeconômica do setor madeireiro da microrregião homogênea de Paragominas, Estado do Pará, a partir de dados levantados em empresas que possuem projetos de manejo florestal aprovados pelo IBAMA.

METODOLOGIA

Foram elaborados questionários específicos para o levantamento dos dados socioeconômicos e aplicados em 16 projetos que também possuem a parte industrial, ou seja, não foram aplicados nos projetos dos chamados "extratores de toras".

Esses dados referem-se à área do empreendimento, consumo industrial de madeira, origem e destino da produção, capacidade industrial instalada e operada, custos e receitas totais, espécies mais utilizadas, mão-de-obra empregada, salários médios pagos, bem-estar dos empregados e opiniões dos empresários sobre a situação atual, perspectivas do setor madeireiro da região e manejo florestal.

Foi efetuada a tabulação, considerando somente as respostas dadas, e os resultados que são apresentados a seguir refletem com fidelidade as informações prestadas aos entrevistadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As empresas e suas terras

Na Tabela 1 constam os dados relativos ao capital social, origem dos empresários e áreas próprias e de terceiros utilizadas pelas empresas. O capital social das empresas é totalmente nacional e os empresários possuem grande experiência no ramo. A grande maioria é oriunda das regiões Sul e Sudeste do País, principalmente do Estado do Espírito Santo. Costumam passar, em média, dez anos em cada município, e os atuais já estão na região há mais de onze anos, o que indica uma tendência de fixação maior nesta área do que em regiões anteriores. A área total própria por empresa é de 7.707,9 ha. Destas, 41% são florestas manejadas, 24% florestas sem manejo, 19% pasto, 2% reflorestamento e 14% capoeiras. A grande maioria das áreas foi adquirida de terceiros e uma pequena parcela foi recebida como herança dos pais, porém, em 75% delas nunca houve problemas com invasores e posseiros e 25% os resolveu amigavelmente.

São utilizados, por empresa, 4.550 ha de áreas de terceiros, sendo 82% áreas com manejo e 18% sem manejo. As áreas de terceiros são contratadas em regime de comodato e o valor médio pago pelo volume extraído é de R$ 11,71/m^3. A maioria dos proprietários são fazendeiros, mas há também contratos feitos com posseiros.

A indústria madeireira na região

Na Tabela 2 apresentam-se as informações relativas à indústria madeireira da região. Percebe-se que está havendo um início de sucateamento das indústrias da região. O valor médio atual dos equipamentos industriais é cerca de 49,2% do valor dos equipamentos novos.

TABELA 1. As Empresas e suas terras.

Variáveis	*Nº de observações*	*Média*
Origem capital	*16*	*Nacional*
Anos experiência industrial	*16*	*14,00*
Média anos p/município	*9*	*10,70*
Tempo último município	*16*	*11,50*
Área total própria - ha	*14*	*7.707,90*
Valor área total - R$ 1.000	*9*	*4.060,55*
Área com floresta manejada - ha	*11*	*3.166,00*
Área com floresta não-manejada - ha	*11*	*1.881,50*
Preço/ha de floresta - R$	*10*	*666,88*
Área com pastagem - ha	*15*	*1.466,00*
Preço/ha de pastagem - R$	*11*	*1.233,33*
Área com capoeira - ha	*15*	*1.050,00*
Área com reflorestamento - ha	*15*	*126,60*
Área da indústria - ha	*11*	*18,30*
Preço/ha da área industrial - R$	*8*	*1.364,28*
Área de terceiros com manejo - ha	*10*	*3.750,00*
Área de terceiros sem manejo - ha	*10*	*800,00*
Área total geral - ha	*12*	*13.108,50*
Valor do contrato - R$/m³	*14*	*11,71*
Área contratada - ha	*12*	*1.778,90*

TABELA 2. A indústria madeireira.

Variáveis	*Nº de observações*	*Média*
Valor dos equipamentos - R$		
• *industriais novos*	*8*	*753.337,50*
• *industriais atual*	*8*	*370.690,00*
• *de mata novos*	*14*	*701.571,42*
• *de mata atual*	*8*	*435.666,66*
Taxa média de aproveitamento de toras - %		
• *mercado interno*	*15*	*58,0*
• *mercado externo*	*15*	*38,8*
Capacidade plena instalada		
• *serraria - m³/ano*	*15*	*13.974,2*
• *laminação - m³*	*15*	*8.000*
• *faqueada - m²*	*15*	*300.000*
Capacidade média operada		
• *serraria - m³/ano*	*15*	*11.204,3*
• *laminação - m³*	*15*	*5.800*
• *faqueada - m²*	*15*	*300.000*

Quanto aos equipamentos utilizados na exploração florestal, a situação é melhor, pois o valor atual é de 62,1% do valor dos equipamentos novos.

A taxa média de aproveitamento das toras para o mercado interno é de 58% e de 39% para o mercado externo. Quanto aos resíduos, 34% são doados em troca de limpeza dos pátios das indústrias, 20% são aproveitados para caibros e ripas, 17% para cabos de vassouras, 17% para carvão, 4% para estrados nas indústrias, 4% nas caldeiras e 4% para "short"[8].

As empresas, que antes trabalhavam em até três turnos diários, hoje, em média, trabalham somente 80% de um turno nas serrarias e 72,5% nas laminadoras.

Consumo de matéria-prima e destino da produção

A Tabela 3 mostra a origem da produção industrial e o destino dado a essa produção. O consumo médio é de 13.000 m^3/tora/ano, com extração média de 30,2 m^3/ha, sendo a cubagem média por árvore de 4,35 m^3. Por esses dados estima-se que a necessidade atual média de área de manejo por empresa é de 430 ha/ano. Considerando a área de floresta própria informada e a necessidade anual, estima-se que somente após 11,7 anos de exploração as empresas precisarão de novas áreas para seu próprio abastecimento ou comprar madeira de terceiros.

TABELA 3. Consumo de matéria-prima e destino da produção.

Variáveis	*Nº de observações*	*Média*
Consumo - m^3/tora/ano	*15*	*12.982,70*
Extração - m^3/ha	*5*	*30,20*
Cubagem média/árvore	*7*	*4,35*
Necessidade de área de manejo - ha/ano	*5*	*430,00*
Distância - km		
• *mata início*	*9*	*38,90*
• *mata média atual*	*13*	*70,70*
• *mata máxima atual*	*13*	*94,00*
Origem da madeira - %		
• *toreiro*	*15*	*8,00*
• *produtores*	*15*	*8,70*
• *área própria*	*15*	*83,30*
Destino da madeira - %	*15*	
• *Estado do Pará*		*1,25*
• *Nordeste*		*42,80*
• *Centro-oeste*		*1,25*
• *Sudeste*		*38,90*
• *Sul*		*8,30*
• *Exterior*		*7,50*

[8]*Peças pequenas de madeira, semelhantes a tacos.*

Quando os empresários chegaram à região, a madeira encontrava-se aproximadamente 39 km de distância da indústria, hoje essa média está em 71 km. Considerando que a média de permanência das empresas no último município é de 11,5 anos, estima-se que a cada ano a exploração madeireira está se distanciando dos locais onde estão instaladas as empresas, num raio de 2,7 km.

A madeira consumida pelas indústrias origina-se de áreas próprias (83%), de áreas de médios e grandes produtores e fazendeiros (9%) e do fornecimento de extratores individuais, os chamados "toreiros" (8%).

A maior região consumidora dos produtos industrializados é a Nordeste, com 42,8%, em seguida vem a Sudeste, com 38,9%, a Sul, com 8,3% e as regiões Norte e Centro-Oeste, com 1,25% cada. O restante, 7,5%, destina-se ao exterior.

As espécies mais utilizadas são:

- Nas serrarias - maçaranduba, piquiá, tauari, angelim-vermelho, angelim-pedra, pau-amarelo, ipê, jatobá e goiabão;

- Nas laminadoras - estopeiro, faveiro, amesclão e sumaúma.

Receitas e custos de produção

Na Tabela 4 mostram-se as informações relativas aos custos e receitas industriais da atividade madeireira na região.

Os preços médios de venda da madeira serrada para o mercado interno são:

- madeira branca - R$ 118,00/m^3

- madeira vermelha - R$ 158,00/m^3

- madeira nobre - R$ 292,00/m^3

Para o mercado externo, os preços médios são de R$ 284,00/m^3.

O preço do frete varia de região para região, sendo R$ 28,80/m^3 para Belém, R$ 62,00/m^3 para o Nordeste e R$ 77,00/m^3 para o Sudeste. Não foi informado o valor do frete para as outras regiões.

O custo da madeira extraída e transportada pela própria empresa consumidora é menor do que o valor pago aos toreiros na serraria. Individualmente, os custos de extração e transporte da empresa são menores do que o valor da tora na mata, vendida pelo extrator, e do frete cobrado pelo toreiro para transportar essa tora até a serraria.

Considerando os preços médios de venda do produto final acima e as percentagens de venda de madeira branca, madeira vermelha e madeira nobre, estimou-se que o preço médio de venda das serrarias é de R$ 145,00/m^3. Considerando também, que o aproveitamento industrial é de 58%, que o custo médio da madeira em tora é de R$ 27,00/m^3, que o valor médio do frete é de R$ 66,00/m^3 e o ICMS pago, chegou-se ao seguinte resultado:

CUSTOS	*R$*
- Extração	*46,00*
- Custo industrial	*24,00*
- Frete	*66,00*
- ICMS	*25,00*
- Total do Custo	*161,00*

TABELA 4. Receitas e custos de produção.

Variáveis	*Nº de observações*	*Média*
Preço médio mercado interno - R$	*15*	
• *Madeira branca*		*118,18*
• *Madeira vermelha*		*157,90*
• *Madeira nobre*		*291,67*
Preço médio mercado externo - R$	*7*	*284,00*
Preço médio frete:	*14*	
• *Estado do Pará*		*28,80*
• *Nordeste*		*62,02*
• *Sudeste*		*77,12*
Valor médio pago/madeira - tora/m^3:	*15*	
• *Na mata*		
⇒ *madeira branca*		*16,75*
⇒ *madeira vermelha*		*24,00*
• *Na serraria*		
⇒ *madeira branca*		*28,11*
⇒ *madeira vermelha*		*31,11*
⇒ *madeira nobre*		*87,50*
Custo médio madeira - tora/m^3:	*15*	*26,91*
• *Árvore + derruba + ramal + arraste*		*15,45*
• *Transporte até serraria*		*11,83*
Custo industrial médio madeira - m^3	*9*	*23,64*
Valor médio pago pelo transp. até serraria - m^3	*12*	*13,30*

Esses números demonstram que as empresas estão tendo, em média, um prejuízo de R$ 16,00/m^3 de madeira serrada vendida no mercado interno, resultado esse amenizado pela venda de produtos elaborados com a utilização dos resíduos industriais.

Mão-de-obra

Os dados sobre a mão-de-obra utilizada pelas empresas constam da Tabela 5. A média de empregados por empresa é de 89 trabalhadores, sendo 8% do pessoal lotado nos escritórios, 71% na indústrias e 21% na mata. O salário médio de um trabalhador de escritório é de R$380,00/mês e o do gerente, incluindo o contador é de R$ 1.400,00/mês. Na indústria, a média salarial de um gerente é de R$ 740,00/mês, enquanto que os demais empregados ganham em média R$ 330,00/mês, incluindo o laminador. Na mata, o encarregado ganha em média R$745,00/mês, enquanto que os demais trabalhadores, incluindo motorista, tratorista, motosserrista e ajudantes, ganham R$ 280,00/mês. Além das despesas com pessoal, as empresas gastam, em média, R$ 1.650,00/mês com alimentação do pessoal da mata, durante sete meses por ano, que é o tempo de duração dos trabalhos de extração. Estes valores indicam um gasto com alimentação na mata de R$ 88,60 por trabalhador/mês, média esta um pouco elevada para os padrões de consumo da categoria.

TABELA 5. Mão-de-obra.

Variáveis	Nº de observações	Média
Número empregados - R$	15	88,80
• escritório		7,20
• indústria		64,00
• floresta		18,70
Salários médios pagos - R$	15	
• escritório:		
⇒ gerente		1.416,66
⇒ outros		380,80
• indústria:		
⇒ gerente		740,90
⇒ outros		333,76
• floresta:		
⇒ encarregado		745,71
⇒ outros		281,91
Gasto alimentação floresta/mês - R$	8	1.657,14
Número meses/ano faz extração	8	6,92
Treinamento	15	em serviço
Moradia sem ônus - %	15	71,40
Acidentes trabalho - média/ano	15	2,10

A admissão de pessoal é efetuada tomando-se como base a experiência em outras empresas do setor, e confirmadas pelas anotações nas Carteiras do Trabalho. Quando necessário, o trabalhador passa por treinamento em serviço.

Cerca de 71% dos trabalhadores residem em casas com água, luz e até leite grátis, oferecidos pelas empresas. Este fato mantem o trabalhador por mais tempo na empresa e diminui o absenteismo.

A média de acidentes de trabalho por empresa é de 2,1 por ano, nível este que pode ser considerado razoável se levar em conta o tipo de atividade realizada na mata e na indústria.

Perspectivas para o Setor

Na opinião dos empresários, as perspectivas para o setor na região nos próximos anos não são boas. A região já possuiu 500 indústrias madeireiras e hoje só atuam cerca de 250 delas. Alguns acham que as serrarias terão vida mais curta que as laminadoras, por existir mais estoques de madeira para laminação do que para serrar. Alguns querem mudar para a pecuária, só ainda não o fizeram porque não conseguiram vender a indústria e não pretendem abandonar o patrimônio construído em anos de sacrifício. Outros pensam em retornar às suas terras de origem, ainda não o fizeram por esses mesmos motivos.

As dívidas acumuladas, os altos custos de produção e os baixos preços de venda dos produtos estão deixando os empresários desmotivados. Alguns estão atrasando o pagamento de impostos para manter o pagamento de pessoal. Outros preferiram o caminho da concordata, para fugir da falência. Os que forem mais organizados e que controlarem melhor seus custos, sobreviverão.

O que deve ser feito para melhorar o setor?

Em resposta à pergunta formulada, os empresários sugeriram que, para melhorar a situação atual seria necessário:

- *melhorar o aproveitamento dos resíduos na mata e na indústria. Isto implica em melhorar o índice de aproveitamento da madeira em tora;*
- *regulamentar o desmatamento, exigindo a reposição e o manejo florestal, para que todos tenham os mesmos custos de produção e as mesmas condições de concorrência no mercado;*
- *reduzir os custos de transportes que são os que mais encarecem o produto final;*
- *reaquecer o mercado da construção civil, que é o maior comprador da indústria madeireira;*
- *utilizar outras espécies e diâmetros;*
- *reduzir a alíquota de ICMS e dos encargos sociais, pois hoje em dia esse tributo é recolhido antecipadamente, levando, às vezes, de 60 a 90 dias para o recebimento da venda, isto quando o empresário não sofre calote;*
- *igualar os preços de venda dos produtos, para que não haja concorrência desleal no mercado. A formação de cooperativas contribuiria em muito para melhorar a situação das pequenas empresas;*
- *criar novas linhas de crédito com juros mais baixos para o setor*
- *qualificar a mão-de-obra para redução dos desperdícios na mata e na indústria;*
- *diminuir a taxa de juros atual, para reduzir a inadimplência;*
- *preparar os administradores das empresas;*
- *agilizar a documentação das terras, pelos órgãos competentes;*
- *incentivar o plantio de espécies madeireiras de crescimento rápido, para reduzir custos de extração em 80%.*

Obrigatoriedade do manejo florestal

Quanto a obrigatoriedade do manejo florestal, os empresários emitiram as seguintes opiniões:

- *é uma medida correta e indispensável, pois força a todos a fazerem o manejo. Deve-se pensar no futuro e para isso todos precisam ser educados ambientalmente;*
- *maior fiscalização para que todos executem corretamente de acordo com o projetado;*

- *fiscalizar mais o fazendeiro, não só o madeireiro, para controlar as queimadas, pois o madeireiro não queima e o fazendeiro não planta;*

- *bom investimento para o futuro;*

- *a legislação superestima o problema, o madeireiro é considerado o vilão da história. Os problemas existentes estão sendo resolvidos sem precisar de interferência do exterior;*

- *o manejo florestal é supérfluo, trabalhoso e muito caro. É difícil aplicar recursos para se ter retorno só com 30 anos. O manejo é duvidoso economicamente;*

- *punição para os picaretas, aqueles que não fazem de acordo com o projetado;*

- *reflorestar é mais interessante e viável;*

- *falta maior conscientização e treinamento do empresário para o manejo florestal;*

- *a área não deve ficar averbada por 40 anos, deve ser dada permissão para outras extrações antes desse tempo;*

- *é um bom investimento mas deve ser incentivado o plantio;*

- *em algumas regiões, 70% não têm documentação da terra, serram a madeira sem projeto de manejo e concorrem com aqueles que procuram fazer corretamente. "As coisas ainda estão muito bagunçadas", comentou um deles;*

- *as despesas para manutenção da área não são muito elevadas;*

- *é correto, mas só é feito por causa da pressão internacional;*

- *é uma medida correta, pois, caso contrário, o uso seria de forma errada, devem ser fixadas as condições de desmate.*

Grau de conhecimento sobre manejo florestal

Sobre as técnicas de manejo florestal que conhecem, os empresários responderam que:

- *devem voltar de dois em dois anos para fazer o desbaste e retirar as árvores que estiverem prejudicando o crescimento de outras;*

- *deve ser feita uma extração planejada, a área deve ser abandonada sem tratamentos silviculturais e o retorno realizado após dez anos;*

- *a regeneração deve ser conduzida, após a extração seletiva;*

- *o corte de cipós é suficiente, pois a mão-de-obra é muito cara para se fazer as outras etapas do manejo;*

- *ainda não há experiência comprovada de que se deve voltar somente após 30 anos, conforme diz a lei;*

- *o prazo de 30 anos é razoável;*

- *o prazo de 30 anos é absurdamente longo. Desbastando-se somente as árvores comerciais pode-se voltar a mesma área com dez anos após a extração;*

- *deve-se brocar a mata por causa do fogo que pode vir do vizinho;*

- *deve-se extrair árvores somente com rodo de 150 cm para cima e abandonar a área para recuperação;*

- *extraiu-se madeira após dois a três anos da última extração, com rodo de 1,6 m;*

- *quanto menos a mata for agredida, melhor será para extrações futuras; não devem ser introduzidos maquinários na mata para manutenção;*

- *19% não sabem o que é manejo florestal, deixam essa tarefa para os técnicos que dão assistência ao projeto.*

Introdução de novas espécies no mercado

Novas espécies foram ultimamente introduzidas no mercado em face do volume existente nas matas exploradas, aos preços de venda que viabilizaram a extração, a utilização em substituição a espécies mais caras e a aceitação pelo mercado externo. Essas espécies são, principalmente, as seguintes: curupixá, estopeiro, guajará, tauari, goibão, jarana, angico, tanimbuca, barrote, os louros e cupiúba. Outras espécies no futuro deverão entrar no mercado, dependendo, principalmente, da melhoria das vias de acesso para reduzir os custos de transporte.

Esgotamento de espécies madeireiras

Parte dos empresários acha que algumas espécies devem se esgotar nos próximos cinco anos, como o mogno, ipê, angelim-pedra, pau-amarelo, cedro, muiracatiara, freijó e sucupira. Mas, 62% dos entrevistados são de opinião contrária, pois acham que a madeira está cada vez mais distante, porém, ainda existem grandes quantidades das espécies que utilizam em suas indústrias.

Considerações finais

Constatou-se a grave crise por que vem passando o setor madeireiro do Estado, com insolvências significativas de empresas que até pouco tempo eram sólidas. Quase 20% das empresas escolhidas para a aplicação dos questionários estavam falidas e seus proprietários não foram encontrados. Esta situação está se transformando num fator de comprometimento da qualidade do manejo florestal, uma vez que as empresas estão apenas fazendo extração pelo método tradicional.

O que surpreendeu favoravelmente foi a constatação da convicção dos madeireiros de que o reflorestamento com espécies florestais madeireiras é o caminho que deve ser buscado para o setor, dada às restrições econômicas da atual conjuntura e à distância cada vez maior das florestas, embora somente alguns desses empresários estejam atualmente adotando essa prática.

Por outro lado, é relativamente pequena a motivação pelo manejo florestal tendo em vista o pouco esclarecimento que os empresários, em sua maioria, têm sobre essa técnica, haja vista as respostas dadas nas entrevistas, principalmente no que concerne ao tempo de retorno à mesma área, após a primeira extração. ***Alguns deles afirmaram somente possuir o projeto de manejo por exigência legal.***

O empresário é imediatista, quer lucros rápidos, e o manejo florestal, é uma poupança que somente remunerará o capital empregado depois de alguns anos de aplicação, e este é um fator que exige mais conscientização, além dos aspectos ambientais.

A construção de estradas na mata é financiada pelos próprios empresários, e, em alguns casos, pessoas estranhas pagam pedágio para utilizar o ramal construído.

O Brasil sofreu um longo período de superinflação sem interrupções significativas. Neste momento, uma economia normal de mercado está tentando se estabelecer num território arrasado pelo bombardeio inflacionário, ao mesmo tempo em que o país experimenta a abertura ao comércio internacional. Essas mudanças provocam efeitos dramáticos para empresas e empregados com tendências a turbulências nos próximos anos.

A estabilização econômica provocou um terremoto no sistema financeiro, antes beneficiado com grandes lucros pela inflação, que demitiu cerca de 0,5 milhão de empregados e deve demitir outros tantos nos próximos anos. O mesmo acontece nos setores têxteis, calçados, automóveis e eletroeletrônicos cujas empresas se viram obrigadas a se modernizar e reduzir custos para enfrentar a concorrência de produtos melhores e mais baratos fabricados no exterior. O setor público está também demitindo servidores, na reforma que está se processando no Estado, em algumas regiões do País.

Todos esses ajustes profundos na economia têm provocado o desemprego no Brasil, o que tem muito em comum com o que está acontecendo no resto do mundo, vagas essas que dificilmente serão preenchidas no futuro, mesmo que a economia cresça, em face da modernização que deverá se processar por conta do aumento da produtividade e redução dos custos.

O mercado consumidor da indústria madeireira está espalhado por todo o País. A redução do número de trabalhadores empregados significa redução de renda nas mãos da população e, conseqüentemente, diminuição da demanda por produtos que não sejam de primeira necessidade. Com a inflação alta, o consumidor não sabe o que é caro ou barato, sem inflação ele sabe distinguir com exatidão os preços exagerados e optar por produtos que estejam dentro da sua faixa de renda. Com isso, os preços dos produtos devem permanecer mais estáveis por períodos maiores.

CONCLUSÕES

Muitas conclusões pode-se tirar das informações prestadas pelos empresários. A indústria está ficando sucateada e não há qualquer tipo de incentivo para auxiliar o setor nesta fase de transição que toda a economia brasileira está atravessando.

A meta da OIMT para o ano 2000 está comprometida na região, a não ser que haja mudanças de comportamento tanto de empresários quanto do governo, tendo em vista a situação atual dos projetos de manejo e o pouco tempo que resta de prazo. Nenhum empresário terá condições de investir se não tiver renda em sua atividade industrial, e os dados mostraram que os altos custos de produção, aliados à baixa produtividade, não estão permitindo lucros.

A solução para se acabar com os baixos índices de lucratividade das empresas madeireiras da região é diminuir os custos de produção com o aumento de produtividade na indústria e na floresta, melhorar o aproveitamento dos resíduos, qualificar a mão-de-obra para reduzir desperdícios e oferecer produtos de boa qualidade a preços menores. O governo, de sua parte, deve criar mecanismos de incentivos florestais ao setor e política de crédito adequada, considerando que o manejo florestal exige, para sua viabilidade econômica, baixas taxas de juros.

O empresário para sobreviver, deve manter-se atualizado com tudo que diz respeito a sua atividade, investir em sua especialização, manter contato com outras empresas do setor na região e de outras regiões do País, fazer aliados, não se afastar dos amigos, fazer cursos se necessário, profissionalizar-se. Não deve empregar recursos em outros empreendimentos fora do seu ramo.

Os maiores níveis de lucratividade daqui por diante serão alcançados por produtos destinados àqueles que ganham até cinco salários mínimos. O contingente dos trabalhadores nessa faixa chega a 30 milhões de pessoas que gastavam somente com moradia, alimentação e transporte. No início do Plano Real, com a estabilização da economia, esse contingente passou a comprar mais comida, num segundo momento comprou ou trocou seus eletrodomésticos e já começou a gastar com diversão, e deverão consumir ainda mais outros tipos de produtos, nos próximos anos. A indústria madeireira deve brigar por uma fatia desse mercado consumidor emergente.